

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À SEXUALIDADE DA MULHER NO PERÍODO DO CLIMATÉRIO

Marina Edileusa da Silva (1)

Gabriela Ferraz dos Santos (1)

Soraia Oliveira Pequeno (4)

ESSA – Escola Superior de Saúde de Arcoverde.

*Dicente da Escola Superior de Saúde de Arcoverde (ESSA) marina_silvaslr@hotmail.com (1),
ferrazgfs@gmail.com (1), Docente da Escola Superior de Saúde de Arcoverde (ESSA) soraiapequeno@hotmail.com (4)*

RESUMO: O climatério é a fase de transição entre a vida reprodutiva e a não reprodutiva da mulher. Esse período acarreta uma série de alterações físicas e psíquicas, que compromete especialmente a vida sexual da mulher, pois a sociedade se mostra leiga e preconceituosa sobre as possibilidades cabíveis a esse grupo de mulheres. O objetivo desse estudo consiste em descrever a visão da mulher sobre o período do climatério, as vivências relacionadas a sexualidade e as ações do enfermeiro para atender as necessidades desse público. O estudo se deteu em alguns passos, os principais foram a junção do levantamento de periódicos e análise dos resultados de pesquisas científicas publicadas acerca dessa temática, onde foram analisadas e selecionadas 19 literaturas que permitiram a construção desse artigo, sendo eliminadas todas as que não se enquadrassem na temática. Conclui-se que a mulher climatérica é vítima de muitos preconceitos relativos a sua idade e sexualidade, e que a sua percepção individual sobre o climatério será decisivo na forma como essa fase ocorrerá na vida dela, ao notar que os profissionais de enfermagem estão particularmente mais próximos da mulher no climatério, é importante que esses tenham uma visão totalizadora do climatério, e que respeitem e valorizem esse período e as particularidades de cada mulher, levando em consideração os preceitos éticos atribuídos a formação de cada mulher neste período, e principalmente utilizando a informação a favor de todos por meio de educação em saúde, promovendo conhecimento sobre esse período e diminuindo mitos e preconceitos acerca dessa temática.

Palavras-chave: Climatério, Sexualidade, Assistência de enfermagem.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Lopes et al. (2013), o climatério na vida da mulher é uma fase onde ocorre a transição entre o período reprodutivo (menacme) ao não reprodutivo (senectude) por meio de alterações

metabólicas e hormonais, que consequentemente, podem afetar o seu contexto psicossocial. A ocorrência de sintomas podem ou não acontecer nesse período. A fase climatérica possui duração entre os 40 a 65 anos de idade, representa

um terço da vida da mulher. (Ministério da Saúde, 2008)

Neste período pode ocorrer distúrbios em forma de manifestações genitais, extragenitais e psíquicas que vão inferir diretamente na qualidade de vida da mulher (FERREIRA, SILVA, ALMEIDA, 2015). As modificações do organismo da mulher não implicam necessariamente na redução do prazer, mas podem influenciar a resposta sexual.” (ALVES, 2015).

Nas últimas décadas, o climatério passou a ser uma tema mais potencialmente discutido, em consequência do aumento da expectativa de vida, e do fato dessa fase representar cerca de um terço da vida da mulher, trazendo a necessidade de pesquisas voltadas a esse período que visem melhorar as condições de saúde, bem estar e sexualidade desse grupo, dessa forma nota-se que alguns meios de tratamento estão sendo utilizados e apresentam bons resultados, tais como o tratamento hormonal (anticoncepcionais e terapia de reposição hormonal – TRH) e não hormonais (fitoterápicos /homeopáticos) com capacidade de minimizar os sintomas indesejáveis associados às mudanças hormonais, comuns no climatério. (LOPES *et al.*, 2013).

É importante compreender que os
sin

ais e sintomas presentes durante o climatério vão além de manifestações clínicas, e que essa fase é vista por algumas mulheres como o início da velhice, de um período ao qual terá muitas limitações, ideia que se reforça pela visão mitológica e preconceituosa da sociedade em relação a esse período. O climatério é um período de mudanças, e desafios mais não deve por isso ser encarada como uma fase ruim que deve ser “suportada”. A sexualidade é especialmente a mais afetada nesse período, pois as alterações físicas e hormonais afetam o libido, a autoestima, a lubrificação vaginal, entre outros fatores, que de forma direta ou indireta interferem na vida sexual (LOPES *et al.*, 2013; ALVES *et al.*, 2015).

A ignorância e “tabus” que rodeia o climatério decorre pelas diversas mudanças e disfunções que acontecem no corpo e nas relações sexuais nesse período da vida, são frequentemente atribuídas, muitas vezes indevidamente, a menopausa. Isso porque a ideia de que após a cessação da menstruação neste período da vida, a mulher torna-se assexuada.” (BRASIL, 2008).

Através do discernimento sobre os sinais e sintomas apresentadas pelas climatéricas, o profissional de saúde, especialmente o enfermeiro por esta mais presente durante todo o ciclo de vida dessa mulher, deve estar apto a reconhecer o

início dessa fase, bem como das particularidades referentes a ela, para assim atuar de maneira mais resolutiva. Acredita-se que uma assistência de enfermagem mais ampla e humanizada à mulher em seu período de climatério possa ser fundamental para a diminuição dos impactos gerados por esse processo de inúmeras alterações físicas e psíquicas” (BELTRAMINI et al, 2010).

O interesse pelo tema surgiu diante a necessidade de aumentar os conhecimentos à cerca da saúde da mulher no período do climatério, especialmente em relação ao estudo sobre as práticas sexuais nesta fase da vida e as dificuldades que possam ser encontradas. Com a finalidade de identificar e descrever as principais causas que interferem na vida sexual das mulheres que estão no climatério ao fazer uma análise holística sobre os impactos que mais prevalece sobre o corpo feminino neste período da vida.

Analisando esse contexto, vemos a importância do estudo no aprimoramento do trabalho da enfermagem para a melhoria da vida sexual da mulher no período do climatério, para que desta forma os cuidados sejam os mais adequados possíveis.

2. METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão integrativa da literatura cuja intenção é fazer a junção e análise dos resultados de pesquisas científicas publicadas acerca da temática assistência de enfermagem à sexualidade.

As pesquisas dos artigos científicos foram feitas através da BVS - Biblioteca Virtual da Saúde, utilizando-se os descritores: Climatério; Sexualidade e Assistência de enfermagem. Onde encontra-se grande quantidade de pesquisa científica de diversas áreas da saúde. Por meio de artigos periódicos retirados de revistas, tais como: Revista de enfermagem da USP, REME – Revista Mineira de Enfermagem, RENE – Revista de Enfermagem do Nordeste, RECIEN – Revista Científica de Enfermagem, REBEN – Revista Brasileira de Enfermagem, foi adquirido uma maior quantidade de conteúdos de grande importância para a área de enfermagem no Brasil.

No levantamento bibliográfico foram encontrados 45 periódicos, sendo estes do tipo: artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso - TCC, tese de doutorado, monografias e manuais do Ministério da Saúde. Selecionando apenas 19 bibliografias publicadas entre o período de 2008 à 2015 para a utilização neste estudo, usando como critério de exclusão os que menos se adequavam a temática de sexualidade no climatério.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Tabela: Principais amostras de descrição de dados para a revisão de literatura, analisando três itens com abordagem em comum entre os artigos, citando o autor e ano, o delineamento usado pelos autores e a fonte a qual se encontra os estudos.

ANÁLISE DE DADOS	AUTOR/ANO	DELINEAMENTO	BASE DE DADOS
Visão e vivência da mulher no climatério.	1. SANTOS, SMP <i>et al</i> (2014); 2. VALENÇA, CL; GERMANO, RM (2010); 3. SILVEIRA, CM; BARTHOLOMEU, MC; MAIA, JS (2014); 4. FONSÊCA, TC <i>et al</i> (2014).	1. Analítico-Descritivo de natureza qualitativa; 2. Descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa; 3. Trata-se de uma pesquisa exploratória qualitativa; 4. qualitativa do tipo descritivo-exploratória.	1. Rev. Enferm UFSM; 2. Rev. Rene; 3. Revista Recien; 4. Rev. Rene.
Sexualidade e no Climatério	1. DOMBEK, K (2014); 2. SILVA, EF (2013); 3. CAIRES, CS; OLIVEIRA, ACF; ARAUJO, ENP (2015). 4. ALVES, ERP <i>et al</i> (2015)	1. Estudo observacional de delineamento transversal; 2. Delineamento Transversal; 3. Delineamento Exploratório; 4. Revisão integrativa da literatura científica.	1. Tese de Mestrado – ARCA FIOCRUZ; 2. Tese de Mestrado – Faculdade de saúde Pública da USP; 3. UNOPAR Cient. Ciênc. Biol. Saúde; 4. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online.
Atendimento à saúde prestado a mulher climatérica pela enfermagem.	1. ALVES, AMT; COELHO, S; DE MIRANDA (2014); 2. COSTA, LHR; COELHO, ECA (2011); 3. SILVA, CB <i>et al</i> (2015); 4. MORAIS, DA <i>et al</i> (2013) 5. SOUSA, JL <i>et al</i> (2011).	1. Revisão Narrativa da Literatura Nacional; 2. Revisão integrativa da literatura; 3. Estudo descritivo de abordagem qualitativa; 4. Abordagem quantitativa, do tipo pesquisa ação. 5. Qualitativo, descritivo-exploratório, do tipo bibliográfico.	1. TCC - Universidade Federal de Minas Gerais 2. Rev. Latino-Am. Enfermagem; 3. Rev. Enferm. da UFPE on line; 4. TCC – PUC MINAS Poços de Calda. 5. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online.

“Ao considerar que a expectativa de vida para a mulher atualmente está em torno de 75 anos, passamos a perceber que ela viverá um terço de sua vida no climatério.” (SILVEIRA, CM; BARTHOLOMEU, MC; MAIA, JS, 2014).

3.1 Visão e Vivência da Mulher no Climatério

Este dado nos reflete a ideia de que a mulher tem que entender, prioritariamente, a fase do climatério, para não confundí-lo com um processo patológico impedindo o medo de entrar neste período. Em algumas perspectivas médicas consideram de maneira equivocada este ciclo da vida como “síndrome”, pois acomete a saúde da mulher a longo prazo, ocasionando um série de sintomas físicos e metabólicos decorrentes da queda gradual de hormônios.

Segundo Valença e Germano (2010), “É como se os corpos fossem desvalorizados pelas mudanças, sendo sinalizado apenas as “perdas” (perda de possibilidade, de vigor, libido, massa óssea) que decorrem o processo de envelhecimento.” Mas na verdade, o período climatérico tem que ser considerado normal por ser uma fase fisi

ológica do corpo da mulher que a mesma terá que vivenciar, tendo que ser aceita por todas as mulheres independente do imaginário popular preconceituoso que enfatiza apenas o lado negativo biológico, que são os sintomas.

Segundo Fonsêca *et al.* (2014), “Os sintomas climáteros interferem na vida profissional, seja através do cansaço físico, por alteração de humor ou dificuldade de relacionamento com a equipe ou o paciente”. O trabalho nesta fase pode ser um fator estressante para o aumento das queixas referentes ao climatério, pois foi evidenciado a falta de oportunidade para lazer e hábitos de vida saudáveis devido ao muito tempo de dedicação profissional, um exemplo seria o sono conturbado.

3.2 Sexualidade no Climatério

O climatério também é compreendido como uma fase que pode alterar a resposta sexual feminina, pois “as consequências endócrinas da diminuição de secreção de esteroides ovarianos tem sido apontadas como causas para alterações físicas que, por sua vez, provocam desconforto e alteram a resposta sexual” (SANTOS *et al.*, 2014).

Algumas mulheres também conceituam a sexualidade não apenas como o ato sexual em si, mas toda a interação com o parceiro onde possa haver

intimidade emocional envolvendo principalmente a satisfação no relacionamento, fazendo com que as manifestações sobre sexualidade sejam abordadas pelo contato físico, carícias, sensualidade e demais demonstrações de afeto.

O climatério é por muitas vezes visto com olhar preconceituoso pela população, sendo abordado o fato de que a anovulação e a não produção de sangue menstrual é sinal de infertilidade e através disso é sinônimo também de não poder mais ter uma vida sexual ativa. Alves *et al.* (2015) diz que “a sociedade valoriza apenas a juventude e a imagem corporal, e por isso a mulher no climatério se sente em desvantagem e com receios sobre sua sexualidade.” Sendo portanto analisados que estes preconceitos diminuem a atividade sexual no período do climatério sem que tenha relação direta com a perda de libido, fator evidenciado em muitas mulheres no climatério.

Além dos sintomas biopsicossociais, também há algumas manifestações clínicas que podem afetar no ato sexual, como: dores nas articulações, perturbação do humor e do sono, irritabilidade, fadiga, suores noturnos, fogachus, diminuição da lubrificação vaginal, ansiedade generalizada, atrofia dos tecidos vaginais.

Esses sintomas também podem repercutir na relação sexual com o parceiro, e mudar também sua visão de si própria, influenciando o surgimento de condições de estresse, baixa autoestima, diminuição do libido, declínio da vida sexual, dispareunia e depressão.

Com essas informações foi possível notar que a disfunção sexual feminina, além dos aspectos biológicos que condicionam desconfortos físicos, também foi apresentado que os componentes psicológicos também determina o acarretamento da sintomatologia da disfunção sexual. Além disso, segundo Silva (2013) “as doenças crônicas podem alterar a função sexual da mulher, seja pela própria doença ou pelas medicações usadas e as mulheres mais velhas tendem a apresentar doença crônica com maior frequência, por isso é associado este fator como um dos determinantes para a disfunção sexual”.

De acordo com Dombek (2014), “os fatores orgânicos são as doenças crônicas como: arteriosclerose, doenças neurológicas, diabetes mellitus, doenças congênitas, vasculares, musculares, deficiência e declínio hormonal, câncer, entre outras. Como também intervenções cirúrgicas no assoalho pélvico, problema do trato urinário, uso de substâncias e uso de medicações específicas, como

antidepressivos, anti-hipertensivos e diuréticos”.

3.3 Atendimento a Saúde Prestada a Mulher Climátrica pela Enfermagem

As profissionais da enfermagem apesar de serem fundamentais para o intermédio de uma melhor qualidade de vida das pacientes no climatério, também podem sofrer alterações em seu cotidiano trabalhista.

E como qualquer outra mulher, a enfermeira também tem como fator estressante episódios cotidianos relacionados a sua rotina diversa, como avó, mãe, filha e esposa, podendo implicar na relação com seus familiares, pacientes, colegas de trabalho e parceiro sexual, devido a sua fragilidade emocional com conseqüente diminuição do autoestima devido a mudanças corpóreas, e os sintomas fisiológicos frequentes nesta fase da vida.

Os serviços de saúde necessitam implantar as políticas voltadas para a saúde das mulheres no período do climatério para poder aumentar a integralidade da atenção, para evitar ocasiões em que as mulheres não recebam orientações ou ações de promoção, prevenção e ou recuperação de acordo com o perfil epidemiológico a qual

se

enquadra, ações que devem ser proporcionadas nos serviços de saúde sejam eles particulares ou públicos.

“A prática assistencial do enfermeiro pode ser vivenciada na consulta de enfermagem a identificação das necessidades básicas que foram afetadas na mulher, pode também implementar medidas de enfermagem que vise a promoção e reabilitação das mulheres no climatério”. (SOUSA *et al*, 2011).

O climatério precisa ser entendido tanto pelo profissional de enfermagem quanto pela mulher climátrica, para que seja ofertado uma abordagem humanizada e assistência qualificada que vise prevenir desconfortos, tirar dúvidas e medos, tratando ou prevenindo doenças. As ações que possibilitam essa assistência incluem:

- O diálogo franco e esclarecedor com a mulher, que promova esclarecimento e autoconhecimento, considerando o contexto individual, tanto o orgânico quanto o emocional e o social;
- Enfatizar a importância do uso correto de preservativos, e que tem entre suas funções a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e não apenas de evitar uma gravidez;
- Incentivar a realização do exame citopatológico, exame clínico das mamas e mamografia;

- Orientar e estimular o uso de lubrificantes durante as relações sexuais, com a finalidade de diminuir o desconforto causado pela secura vaginal;

- Indagar a necessidade e importância de uma alimentação adequada e a realização de exercícios físicos na redução dos sintomas climatéricos;

- O reconhecimento de sinais e sintomas do climatério, bem como aqueles que não se enquadram a ele;

- Discurso livre de qualquer preconceito relacionado a sexualidade e intimidade da mulher;

- Incentivo a realização de atividades que proporcionem prazer e relaxamento, desde que não ofereçam riscos a saúde;

- Realizar educação continuada e abrir rodas de conversa com a comunidade e demais profissionais da equipe sobre alterações fisiológicas e sexualidade da mulher no período de climatério;

- Analisar se a mulher possui indicação de contracepção ou de terapia de reposição hormonal (TRH) e qual o tipo mais indicado para cada uma.

Além das ações acima citadas, muitas vezes é necessário uma abordagem terapêutica para tratamento das manifestações clínicas. De acordo com Ferreira, Silva e Almeida (2015) “em uma pes

quisa realizada com 30 mulheres na menopausa foi possível verificar que 50% apresentam sinais de depressão, 66,6% têm fogachos, 23,3% sentem dores articulares e/ou musculares, 20% apresentaram diminuição da libido e 13,3% tiveram alterações físicas”.

Os principais métodos terapêuticos utilizados na pré-menopausa e menopausa são os anticoncepcionais, mudança de hábitos de vida e a Terapia de Reposição Hormonal - TRH, o uso dos anticoncepcionais são indicados ainda por existir possibilidade de gravidez, deve ser usado desde que não apresente alguma situação que contra - indique o uso do método. Quando é requerida o uso de anticoncepção nessa fase, deve ser mantida até um ano após a menopausa, para a verificação da ocorrência ou não da menopausa, é necessário fazer a dosagem sérica do FSH, na fase folicular que se segue à pausa de sete dias na tomada do anticoncepcional. “Valores maiores que 40 mUI/ml sugerem falência ovariana, o que deve ser repetido e confirmado depois de 30 dias sem medicação, suspendendo assim o uso do método” (BRASIL, 2013).

A TRH é uma opção para o tratamento e/ou prevenção da sintomatologia mais aguda apresentada na fase do climatério como a osteoporose, tudo advindo pela diminuição hormonal. Melhorando estas condições de saúde

através das dosagens de estrogênio. É visto também que as pequenas doses efetivas são as mais indicadas, pois ainda não se sabe ao certo quais são os riscos e benefícios desse tratamento. Contraindicado se a mulher tiver alguma patologia crônica como a hipertensão, doenças cardíacas, impedindo que muitas vezes seja suspenso essa escolha terapêutica.

“Outras opções de tratamento para as que foram contraindicadas a TRH incluem os fitoterápicos/ homeopáticos que não são a base de hormônios, possuem bons benefícios para diminuição dos sintomas, e ajudam a melhorar a qualidade de vida em mulheres que sofrem a síndrome da menopausa ou para aquelas onde há contraindicação à reposição hormonal” (FERREIRA, SILVA, ALMEIDA, 2015).

Como já foi visto que a enfermagem é uma peça fundamental para a qualidade de vida, para isso, faz-se necessário buscar aperfeiçoamento técnico - científico, elaborar e implementar projetos e protocolos em nível de atendimento primário e secundário à saúde da mulher nessa fase. Bem como abordar na consulta as possíveis opções de tratamento para cada mulher, analisando os benefícios e riscos advindos do tratamento. Nesse sentido, “as iniciativas que contemplem a

ação à saúde, incluem a troca de experiências, acesso a informações em uma assistência holística, para que a mulher climatérica alcance a autovalorização e a autoestima merecida, fundamentais ao bem-estar e à longevidade com saúde e dignidade” (BELTRAMINI et al, 2010; SOUZA et al, 2011).

Proporcionar a educação continuada e aconselhamento no momento da consulta de enfermagem, oportunizando a mulher a conhecer seu próprio corpo para que assim haja uma maior efetividade no entendimento de suas necessidades pelo profissional que irá atendê-la.

4. CONCLUSÃO

Ao notar que os profissionais de saúde estão particularmente mais próximos da mulher no climatério, especialmente a enfermagem, é essencial que tenham consciência e visão totalizadora do climatério respeitando e valorizando as particularidades de cada mulher, e levando em consideração preceitos éticos atribuídos a formação de cada mulher neste período.

Bem como, Auxiliar na educação de que o climatério é uma fase na qual a mulher irá vivenciar por um longo período da sua vida e que deve ser entendido como um processo fisiológico normal, e não uma entendido como uma patologia por haver uma “síndrome” característica desta fase.

Desta forma, a equipe de enfermagem junto com a equipe multiprofissional, que atende a mulher no climatério, devem receber capacitação periódica proporcionada através dos órgãos competentes responsáveis pelo âmbito de trabalho do profissional. Sendo sensibilizados para atender as questões inerentes a este grupo e poder ser os principais coadjuvantes para o caminhar de uma melhor qualidade de vida neste processo.

5. REFERÊNCIAS

- ALVES, AMT; COELHO, S; DE MIRANDA, JL. **CLIMATÉRIO: IDENTIFICANDO AS DEMANDAS DAS MULHERES E A ATUAÇÃO DAS EQUIPES DE SAÚDE DA FAMÍLIA NESTA FASE DA VIDA.** In: 11º Congresso Internacional da Rede Unida. 2014. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2293.pdf>>. Acesso em: 20/05/2016.
- ALVES, E.R.P, et al. **Produção científica sobre a sexualidade de mulheres no climatério: revisão integrativa.** J. res.: fundam. care. online 2015. abr./jun. 7(2):2537-2549.
- BELTRAMINI, A.C.S, et al. **Atuação do enfermeiro diante da importância da assistência à saúde da mulher no climatério.** reme – Rev. Min. Enferm.; v. 14, p. 166-174, abr./jun., 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa.** Editora do Ministério da Saúde, 1ª ed, 1ª reimpressão, Brasília-DF. 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Caderno de Atenção Básica – Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva.** 1ª ed. 1ª reimpressão, Brasília-DF. 2013.
- CAIRES C.S; OLIVEIRA, A.C.F; ARAÚJO, E.N.P. **Pós-Menopausa, Disfunção Sexual e Personalidade: Explorando Alguns Conceitos.** UNOPAR. Ciências Biológicas da Saúde 2015.
- COSTA, Lucia Helena Rodrigues; DE ALMEIDA COELHO, Edméia Coelho. **Enfermagem e sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de**

Enfermagem. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 19, n. 3, p. 631-639, 2011.

DOMBEK, K. **Associação entre disfunção sexual e síndrome metabólica em mulheres na pós-menopausa.** CDD 22. ed. 616.69. Dissertação (Mestrado Pesquisa Aplicada à Saúde da Criança e da Mulher) – Instituto Nacional da Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. Rio de Janeiro, Jul. 2014. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-713150>>. Acesso em: 18/05/2016.

FERREIRA I.C.C; SILVA S.S; ALMEIDA R.S. **Menopausa, Sinais e Sintomas e seus Aspectos Psicológicos em Mulheres sem Uso de Reposição Hormonal.** Ensaios Ciências Biológicas. Agrar. Saúde, v.19, n.2, p. 60-64. São Paulo. 2015.

FONSÊCA, Thamyres Campos et al. **Qualidade de vida de profissionais de enfermagem no climatério.** Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene, v. 15, n. 2, 2014.

LOPES, M.E.L et al. Revista de enfermagem UFPE online. **Assistência à**
mu

lher no climatério: discurso de enfermeiras. v. 7 (1), p. 665-71, Recife-PE, mar. 2013.

SANTOS, Sheila Milena Pessoa, et al. **A vivência da sexualidade por mulheres no climatério.** Revista de Enfermagem da UFSM, v. 4, n. 1, p. 113-122, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/8819>>. Acesso em: 17/05/2016.

SILVA, Canã Borba et al. **Atuação de enfermeiros na atenção às mulheres no climatério.** Journal of Nursing UFPE on line [JNUOL/DOI: 10.5205/01012007/Impact factor: RIC: 0, 9220], v. 9, n. 1, p. 312-318, 2014.

SILVA, Erika Flauzino. **Avaliação da função sexual durante a transição menopausal e pós-menopausa das mulheres participantes do PROSAPIN - Projeto de Saúde de Pindamonhangaba.** 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6132/tde-23052013-142041/pt-br.php>>. Acesso em: 17/05/2016.

SILVEIRA, CM; BARTHOLOMEU, MC; MAIA, JS. **A mulher e o climatério: o conhecimento em questão.** Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem, n. 10, p. 12-17, 2014.

SOUSA, Jéssica de Lyra et al. **Educação em saúde como ferramenta à mulher no climatério: subsídios para o cuidado de enfermagem.** Rev. pesquis. cuid. fundam.(Online), v. 4, n. 1, p. 2616-2622, 2012.

SOUZA J.L. et al. **Educação em saúde como ferramenta à mulher no climatério: subsídios para o cuidado de enfermagem.** Revista de pesquisa: cuidado é fundamental. online 2011. out./dez. 3(4): 2616-22.

SOUZA, M. et al. **A vivência da sexualidade por idosas viúvas e suas percepções quanto à opinião dos familiares a respeito.** Saúde Soc. v.24, n.3, p.936-944, São Paulo. 2015.

VALENÇA, Cecília Nogueira;
GERMANO, R.M. **Concepções de mulheres sobre menopausa e climatério.** Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene, v. 11, n. 1, 2012.